

O AGRAMATISMO: UMA AFASIA DE NATUREZA SINTÁTICA

RENY MARIA GREGOLIN-GUINDASTE
(UFPR)

1.INTRODUÇÃO

A linguagem patológica de quadros de agramatismo caracteriza-se pela perda parcial da sintaxe, em decorrência de lesão cerebral adquirida na área de Broca. Como os mesmos fatos lingüísticos têm sido evidenciados em diferentes línguas, essa síndrome tem despertado o interesse de muitos pesquisadores.

Menn & Obler (1990) apresentam sintomas lingüísticos semelhantes em 14 línguas, sem superar as anotações da neurolingüística clássica, cujas observações de casos resultam listas de ocorrências sintáticas, não havendo acompanhamento de casos por mais de duas sessões, nem indicativos para estabelecer diagnóstico e grau de severidade da síndrome.

Abordagens estruturalistas e funcionalistas não trouxeram contribuição significativa para a caracterização do agramatismo. Até meados dos anos 80 esse quadro era especificado pelo estilo telegráfico da linguagem e omissão de concordância, flexão, preposições e conjunções, sem destaque para o tipo de estrutura sintática que os pacientes eram capazes de compreender, produzir ou readquirir.

Uma tentativa de abordagem não-sintática para o fenômeno do agramatismo é a de Kean (1977), que relaciona os fatos lingüísticos desse quadro patológico a um déficit fonológico, e aponta que os pacientes mantêm as raízes das palavras omitindo a flexão. Essa hipótese é refutada por Grodzinsky (1990) com dados do agramatismo em hebraico, pois nessa língua a não inserção da flexão impede a formação de item lexical e, se a hipótese de Kean fosse viável, não haveria manifestação de agramatismo na língua semítica.

Antes do trabalho de Grodzinsky (1984-1995), predominam perspectivas indutivistas as quais, mesmo tendo a abordagem sintática como uniformidade, diferem significativamente, não só quanto à estrutura sintática destacada para caracterizar o agramatismo como também quanto à metodologia e às conclusões.

Nesse trabalho pretendo apresentar fatos do agramatismo em português. Mencionarei os estudos de Packard (1993) e Grodzinsky (1984-1995), pela dimensão da pesquisa e posição teórica assumida. Ancorados na teoria da gramática gerativa proposta por Chomsky, antes do programa minimalista, ambos serviram de ancoragem para o estudo de caso, apresentado em Gregolin-Guindaste (1996).

2. UM ESTUDO DE CASO DE AGRAMATISMO EM PORTUGUÊS

Em dez anos de acompanhamento longitudinal (1984-1994) de um caso de agramatismo em português – o caso P. foram selecionados fatos sintáticos relevantes, dados-achados da linguagem que o paciente exibiu em câmara lenta. Trata-se de um sujeito de 61 anos, funcionário público aposentado, com 2^o grau de escolaridade, que sofreu dois episódios neurológicos e vem sendo acompanhado no IEL (UNICAMP). O diagnóstico tomográfico revelou área de infarto cerebral temporoparieto-occipital esquerdo, em decorrência de acidentes vasculares ocorridos no início dos anos 80. (Coudry, 1988).

Nesse estudo do caso P., além de entrevistas com o paciente, visando fazer sua sintaxe tornar-se visível, foram feitos testes não-tradicionais para verificar os pontos problemáticos da sintaxe abalada. Primeiramente foi provocada a emergência do verbo, da flexão verbal de tempo, da construção da sentença no eixo do verbo e, mais tarde, da estrutura interrogativa com movimento “Qu”.

Foram feitas, a partir de 1988, avaliações para verificar se o paciente construía estruturas que não produzia, como as passivas e relativas, apresentadas em Gregolin-Guindaste (1996), das quais não tratarei aqui. Os testes de compreensão, as repetições e a montagem de sentenças com cartões recortados foram feitos em meio a episódios de produção de linguagem, para estudo da competência sintática. Para focalizar a Língua -I, a análise linguística foi feita a partir de estudos baseados na teoria da gramática gerativa chomskiana.

2.1. As sentenças no agramatismo de P.

O acompanhamento longitudinal dos dados de P. mostrou que nas sessões iniciais a categoria nominal predominava, fato também verificado nas construções sem verbo do paciente LXZ., do agramatismo em mandarim, conforme mostram os dados publicados por Packard (1993).

As insistentes provocações do investigador fizeram com que o paciente P. exibisse a categoria verbal, mas freqüentemente a raiz lexical verbal recaía em formas nominalizadas de infinitivo e gerúndio, tendo sido evidenciada a dificuldade de realização das categorias tempo e concordância, com constantes instabilidades, conforme descrito por Coudry (1988).

No decorrer do acompanhamento, nomes e verbos foram se combinando cada vez mais e na Língua-E puderam ser observadas produções cada vez mais freqüentes de estruturas SVO (sujeito-verbo-objeto). Ficou constatado que não se tratava, nem no início do quadro, de uma perda de léxico, bloqueado somente quando a dificuldade sintática emergia.

Os episódios de 1984 mostram a predominância de núcleos nominais e as poucas produções de núcleo verbal.

[13.09.1984]

INV.: - Conta para mim o que o senhor precisa fazer para mandar uma carta para alguém.

P.: - Marília. Marília.

INV. - O senhor vai mandar uma carta para Marília? É amiga do senhor? É cidade ou pessoa? Ela mora em Marília ou se chama Marília?

P.: - Sônia.

INV.: - Acabou de escrever, faz o quê?

P.: - Envelope.

INV.: - O que faz com o envelope?

P.: - Correio.

INV.: - O que faz aqui?

P.: - Selo.

Apesar da predominância de núcleos nominais isolados, sem determinantes, sem verbos, as respostas demonstram que P. compreende as perguntas do investigador, logo, a compreensão das interrogativas está preservada.

Os dados a seguir evidenciam que o paciente mantém a sintaxe da sentença transitiva, apesar das instabilidades de concordância de gênero e número.

[16.08.1984]

INV.: - Conta como o senhor faz para consertar uma torneira. O que o senhor faz primeiro?

P.: - Como chama? Torneira, torneiras.

INV.: - Como o senhor faz para trocar o courinho de uma torneira que está pingando?

P.: - Chave . Chave.

INV.: - Chave inglesa?

P.: - Troca a courinha.

INV.: - Quantos passarinhos o senhor tem?

P.: - Uma só.

INV.: - Ah! Uma passarinha. Como faz para dar alpiste para ela?

P.: - Alpiste . Como chama?

INV.: - Água ele não toma?

P.: - Água também. Tem outro também. Como chama?

Neste episódio, em que o paciente conta como trocar o courinho de uma torneira e como tratar do passarinho, fica evidente a instabilidade da concordância nominal - "Uma só"; "Troca a courinha" - fato que se repete ao longo dos dados. A análise dos episódios anteriormente mencionados permite afirmar que o paciente não perdeu a

capacidade de seqüenciar eventos, mas que a sua dificuldade sintática impede a produção de seqüências de sentenças estruturadas.

Em 1992 começam a emergir algumas subordinações e construções com dois verbos o que pode ser verificado no episódio em que o paciente narra como usar o controle remoto para abrir um portão eletrônico.

[06.04.1992]

INV.:– Aperta qual botão?

P.: – Esse aqui.

INV.: – Depois.

P.: – Porta aberta, né? Abre. Abre . Outro.

INV.: – Abre outro não. Para fechar.

P.: – Para fechar, aperta.

2.2. As estruturas interrogativas e a topicalização

Em nenhum momento do acompanhamento foi evidenciado qualquer problema com a compreensão de interrogativas, fato esse pouco focalizado nos estudos sobre esse tipo de afasia.

Thompson e McKeynolds (1986), embora não preocupados com a análise sintática de interrogativas com “wh” constataam que os pacientes acometidos de agramatismo compreendem estruturas com “wh” em inglês, respondendo adequadamente a perguntas com “what”, “where”, “who” e “why”, mas são incapazes de produzir interrogativas gramaticalmente completas, podendo readquiri-las.

A mesma constatação, contudo, não é feita por Hickok e Avrutin (1995). Distinguindo entre interrogativos referenciais e não-referenciais, no sentido de ancoragem discursiva, esses autores afirmam que os pacientes compreendiam todas as sentenças interrogativas com “who”, mas não com “which”, isto é, compreendiam elementos não-referenciais ao discurso, como “who”, e não compreendiam elementos referenciais ao discurso como “which”, quando na estrutura houvesse objeto vazio.

As conclusões de Hickok e Avrutin (1995) não são aplicáveis ao caso P. Este compreende todos os tipos de interrogativas, conforme demonstram os dados, conclusão esta semelhante à de Thompson e McReynolds (1986). O paciente P. promove à interrogativa elementos lexicais isolados, usa recursos entonacionais em estrutura SVO e, apesar das dificuldades para organização desse tipo de estrutura na forma fonética, produz estruturas interrogativas com “Qu” movido e “in situ”.

Apresento a seguir dados do paciente P., observados longitudinalmente, para que sejam constatadas a compreensão e as instabilidades na produção de interrogativas.

[19.09.1985]

INV.:– Pergunta quanto tempo faz que ele foi operado. Pergunta quanto tempo faz.

P.: – Quanto é?

INV.:– Dez dias, vinte dias, mais? Fala?

P.:– É duro, né?

[05.06.1987]

INV.:– O senhor não vai perguntar aonde eu fui?

P.: – Foi em .

INV.:– Pergunta aonde eu fui.

P.: – Você foi lá. Não.

P.: – Foi.

[13.6.1989]

INV.:– Sabe por que eu estou atendendo o senhor hoje?

P.: – Vai viajar?

INV.: – Pergunta pra mim pra onde eu vou.

P.: – Você vai viajar pra onde? Onde você vai?

INV.: – Pra Buenos Aires.

P.: – Passear?

[07.11.1994]

INV.: – Tem uma propaganda de televisão.

P.: – Qual?

INV.:– Uma propaganda de tempero de comida que diz assim: Qual o tempero que quem usa não troca?

P.: – Mas qual é que é?

INV.: – É um tempero. A marca é Sazon.

P.: – Eu sei, mas Globo? Bandeirantes?

INV.: – Em todas as emissoras passa a propaganda.

Apesar do progresso constatado longitudinalmente, ficou evidente que P. apresenta instabilidades na produção de interrogativas com "QU". Quando a flexão estabiliza-se, maior produtividade é verificada. Porém, as estruturas com tópico-objeto estão presentes e são produzidas com facilidade.

[19.07.1984] – Dinheiro não tem.

[30.05.1986] – Água não tem. Mangueira tá aí.

[26.09.1986] – Giz não tem.

[05.12.1986] – Muita gente não tinha não.

[17.01.1989] – Coca cola não dá.

[15.07.1992] – Fita a Maza gravou.

[15.07.1994] – O bolo menino comeu.

[07.11.1994] – Relógio comprei em Campinas.

A competência para compreensão-produção de interrogativas e topicalizadas no agramatismo, estruturas não mencionadas por Grodzinsky (1984-1995), falseiam a generalização proposta por esse autor como explicação para todos os problemas do agramatismo: a hipótese do apagamento de vestígios na estrutura provocando interrupção da cadeia. Essa hipótese explicaria por que pacientes testados por Grodzinsky não compreendem passivas e relativas em inglês. Outro fato que põe em risco as conclusões desse autor é que o paciente P. compreende passivas.

Se for considerada a presença de vestígio como uma variável, nas estruturas com tópico-objeto, como propõe Huang (1984), então a hipótese de Grodzinsky (1984-1990), de que a compreensão no agramatismo estaria afetada devido ao apagamento de vestígios na estrutura e à impossibilidade de transmissão de papel temático, não se aplica ao caso do português. Mas a hipótese de Grodzinsky (1990) não se sustentaria, mesmo se tal categoria fosse considerada “pro”, conforme analisada em Gregolin-Guindaste (1988), pois haveria, do mesmo modo, a formação de cadeia para transmissão de papel temático.

Se a ausência de vestígios e quebra da cadeia para transmissão de papel temático desencadeassem a estratégia de atribuição de papel temático de agente ao primeiro SN da estrutura, explicação encontrada por Grodzinsky (1990) para justificar a não-compreensão de passivas, não poderiam ocorrer estruturas com topicalização de objeto em quadros de agramatismo.

Explicar problemas de formação das interrogativas no agramatismo como sendo causados pela interrupção da cadeia, devido ao apagamento do vestígio ou dificuldade com o movimento, não é coerente, pois se P. não projeta com facilidade estruturas interrogativas, mas projeta estruturas com tópico-objeto, então a dificuldade não pode ser explicada pela presença da categoria vazia, nem pelo movimento ou quebra de cadeia, e sim devido à presença de COMP, que, considerada hierarquicamente no elenco de categorias funcionais, deve ser projetada em um nível mais alto do que TOP, considerada uma categoria funcional que pode estar presente, acima de IP.

Duarte (1987:173, 296) admite que o movimento envolvido na construção de topicalização, abrigado sob a teoria do vestígio, é adjunção livre a um nó com conteúdo proposicional, COMP ou FLEX. Na gramática do agramatismo é preciso considerar que não se dá adjunção a COMP e sim a FLEX com posterior elevação do constituinte topicalizado para o nó TOP, obrigatoriamente localizado abaixo de CP. Essa análise encontra sustentação empírica no fenômeno do agramatismo, pois a estrutura com tópico-objeto é mais fácil ao paciente do que as interrogativas.

Se fosse adotada a representação proposta por Benincá (1995) de que TOP é mais alto que CP, não seria obtida coerência empírica. Então, na gramática de P. a categoria TOP, na estrutura com tópico-objeto, estaria localizada na representação arbórea acima de INFL e abaixo de CP, do mesmo modo que a categoria “foco”, proposta por Uriagereka (1992), postulada para dar conta de fatos lingüísticos semelhantes, que ocorrem nas línguas românicas. Assim, pode ser considerado que o paciente constrói estruturas com TOP, acima de INFL, mas ainda tem dificuldades com a categoria CP.

Quanto à presença da categoria INFL na gramática do agramatismo, contrariando as listas descritivas presentes na neurolingüística clássica, foi apontado por Lonzi e

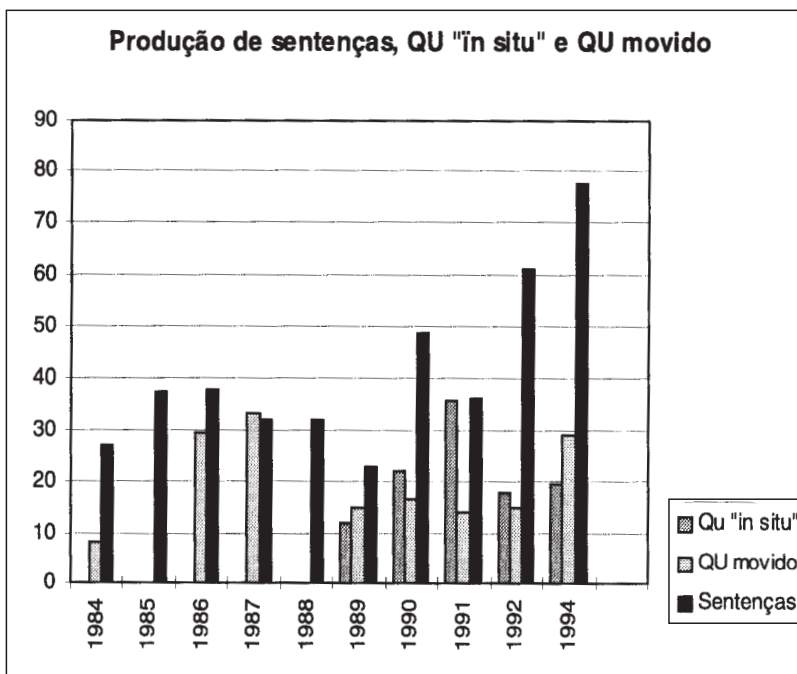
Luzzatti (1993) que, em italiano, na gramática dos afásicos de Broca esta categoria está presente, e conseqüentemente a estrutura básica da sentença, está preservada.

Para explicar os fatos lingüísticos do agramatismo em português, relacionados à dificuldade de estruturação de interrogativas, retomo a análise de Rizzi (1991). Segundo esse autor, o movimento à esquerda de “Qu” obriga à formação de cadeia, cuja cabeça seria uma categoria funcional COMP e cuja cauda seria uma categoria vazia: a variável.

É importante considerar, para a gramática do agramatismo, o seguinte ponto da análise de Rizzi: na cadeia formada com o movimento de “QU”, a flexão I está envolvida. Assim, estas posições coindexadas formam uma cadeia: C^o - I^o - e “WH”, havendo relevância da categoria funcional INFL para a formação de interrogativas. Dada a dificuldade com a construção de estruturas interrogativas e não com outras cadeias como a resultante da estrutura com tópico-objeto, pode ser postulado que a causa dessa diferença residiria no fato de que a cadeia de interrogativa caracterizada por C^o - I^o e “WH” envolveria categorias funcionais mais altas nas suas ligações, ao passo que a cadeia resultante do movimento tópico-objeto-vestigio envolve categorias funcionais mais baixas, se assumida a hipótese de que TOP deve estar abaixo de CP. Esta análise dá conta também de dados do agramatismo em mandarim, pois o paciente LXZ. produz estruturas com tópico e tem problemas na produção de interrogativas, conforme apontou Packard(1993). Mesmo não havendo movimento do elemento interrogativo, naquela língua o paciente seleciona-o inadequadamente .

Para demonstrar as instabilidades e o progresso obtido pelo paciente P. no processo de re aquisição da sintaxe, foi feita a quantificação dos dados de produção de sentenças de 1984 a 1994. Foram consideradas 1.364 sentenças declarativas e 269 intenções de interrogação, 86 com presença de “QU”. Foi verificado que em 1984 as projeções abaixo de VP correspondiam a 72,7%, passando a 22,2% em 1994. Esta tendência se inverte ao longo de dez anos de acompanhamento. Em 1994 as projeções acima de VP, isto é, as sentenças com tempo, passam a 77,7%, enquanto em 1984 eram de 27,2%.

Ficou constatado que quando o paciente “progrediu” na produção de sentenças com verbos flexionados, progrediu também na produção de estruturas interrogativas com “Qu”. Isto demonstra que, adquirida a projeção de INFL, o elemento “Qu” move-se em LF ou em FF. No ano de 1994, 49% das produções interrogativas de P. são com elemento “Qu”, predominando o movimento do elemento interrogativo na sintaxe visível. Em 1988, quando estruturas passivas, comparativas e relativas estavam sendo trabalhadas e parametrizadas, nenhuma ocorrência de “QU” foi constatada. O gráfico, a seguir, demonstra as instabilidades e progressos a caminho da re aquisição das categorias funcionais. A produção de sentenças completas demonstra re aquisição da categoria Tempo e a reestabilização das interrogativas demonstra competência para inserção da categoria COMP.

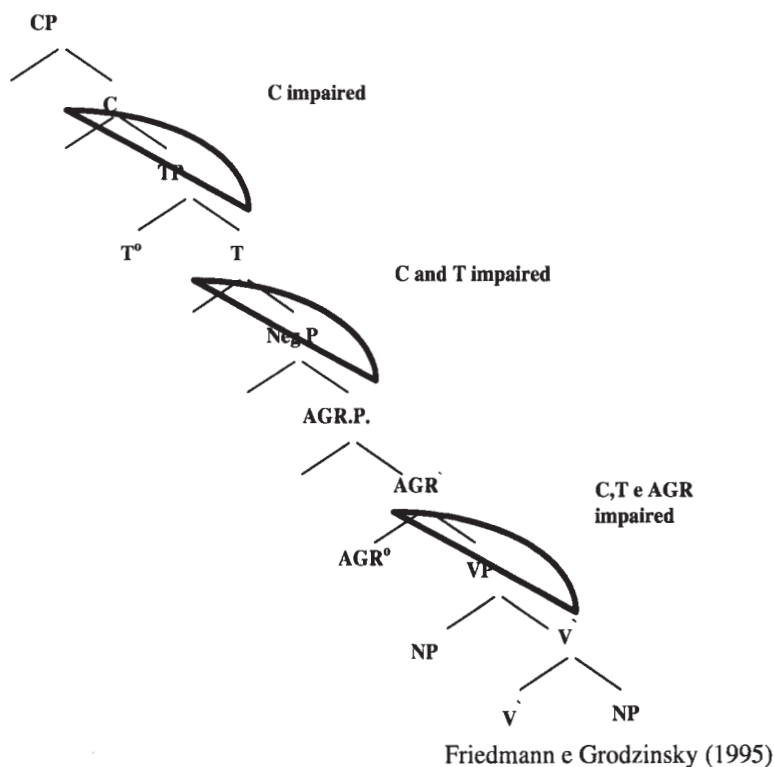


3. PISTAS SINTÁTICAS PARA O ESTABELECIMENTO DO GRAU DE SEVERIDADE DO AGRAMATISMO

Tendo investigado as marcas de flexão verbal no agramatismo em hebraico, Friedmann e Grodzinsky (1995), assumindo a divisão da flexão em Tempo e AGR, conforme Pollock (1989), constatam que, enquanto estão intactas as marcas de concordância, estão comprometidas a flexão de tempo e a presença de COMP, este último evidenciado pela falta de orações encaixadas nos dados observados. Comparando os achados do agramatismo em hebraico com os do caso P., do agramatismo em português, ficou constatado que Tempo se estabilizou melhor nas marcas de flexão verbal em português, ao contrário do que ocorre em hebraico.

O que estabelecem Friedmann e Grodzinsky (1995) é a possibilidade de relacionar a ausência ou presença de categorias funcionais, conforme posição ocupada na hierarquia da representação sintática, com o grau de severidade da síndrome. O fato de haver problemas com INFL gera problemas nos nós superiores da árvore. Então, se não houver estabilidade da categoria funcional Tempo, as interrogativas com "Qu" e a presença de complementizadores nos nós superiores da árvore também estarão afetadas. Conforme esta hipótese, nunca haverá casos de agramatismo em que o paciente opera com COMP e não com INFL.

A diferença de competência lingüística para a representação de categorias funcionais pode ser contemplada pelo rigor apontado por Friedmann e Grodzinsky (1995) para o grau de severidade do agramatismo, conforme só COMP esteja abalado, ou estejam abalados COMP e Tempo ou, ainda, COMP, Tempo e AGR. As ausências gradativamente identificadoras de um grau maior de severidade podem ser representacionalmente localizadas, conforme o lugar da “poda” da árvore.



4. CONCLUSÃO

Através da representação anterior podem ser determinados os graus de severidade do agramatismo. Quanto mais baixo o lugar da “poda” na representação em árvore, mais severo o grau de agramatismo.

A hipótese da hierarquia das categorias funcionais, conforme Friedmann e Grodzinsky (1995) encontra, nos dados do agramatismo em português, suas predições testadas e confirmadas.

Não podemos dizer que o paciente P. não representa cadeias, ou que os problemas sintáticos estejam relacionados à presença do vestígio ou à operação de movimento. Este é mantido em LF, uma vez que está preservada a compreensão de todas as estruturas com vestígios, exceto as relativas.

Se as estruturas envolverem poucas categorias funcionais, haverá superficialização em FF destas categorias. Se as estruturas envolverem mais de um INFL ou mais de um “Qu”, a complexidade sintática da cadeia dificultará a operação computacional.

Se for considerada a hipótese da hierarquia de categorias funcionais, pode ser inferido o grau de severidade desse tipo de afasia em cada caso, conforme o lugar da “poda “da árvore. Por essa hipótese pode ser afirmado que o agramatismo de P. evoluiu de um quadro severo para moderado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENINCÁ, P. (1995). Complement clitics in medieval romance: the Tobler-Mussafia law. In: BATTEJE, A.; ROBERTS, I. (orgs.). **Clause structure and language change**. New York: Oxford, University Press.
- COUDRY, M. I. H. (1986-1988). **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes.
- DUARTE, M. I. P. (1987). **A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento**. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa.
- FRIEDMANN, N., GRODZINSKY, Y. (1995). **Tense and agreement in agrammatic production: pruning the syntactic tree**. ms. Tel-Aviv University.
- GREGOLIN-GUINDASTE, R. M. (1988). **A categoria vazia na posição de objeto em português: uma abordagem gerativa representacional**. Tese de Mestrado. Universidade Federal do Paraná.
- _____. (1996). **O agramatismo: um estudo de caso em português**. Tese de Doutorado. IEL-UNICAMP.
- GRODZINSKY, Y. (1984). **Language deficits and linguistic theory**. Doctor Dissertation. Brandeis University.
- GRODZINSKY, Y. (1990). **Theoretical perspectives on language deficits**. Cambridge: MIT Press.
- HICKOK, G., AVRUTIN, S. (1995). Representation, referentiality and processing in agrammatic comprehension. In: **Brain and Language** 50:10-26.
- HUANG, C. T. J. (1984). On the distribution and reference of the empty categories. In: **Linguistic Inquiry** 15:531-574.

- KEAN, M. L. (1977). The linguistic interpretation of aphasic syndromes: agrammatism in Broca's aphasia, an example. In: **Cognition** 5:9-46.
- LONZI, L., LUZZATI, C. (1993). Relevance of adverb distribution on the analysis of sentence representation in agrammatic patients. In: **Brain and Language** 45:306-317.
- MENN, L., OBLER, L. K. (1990). **Agrammatic aphasia: a cross-language narrative sourcebook**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- PACKARD, J. (1993). **A linguistic investigation of aphasic chinese speech**. Boston/London: Kluwer Academic Publishers.
- POLLOCK, J. Y. (1989). Verb movement, universal grammar and the structure of IP. In: **Linguistic Inquiry** 20:365-424.
- RIZZI, L. (1991). **Residual verb second and the 'wh-' criterion**. ms. Université de Geneve.
- THOMPSON, C. K., McREYNOLDS, L. W. (1986). Wh interrogative production in agrammatic aphasia: an experimental analysis of auditory visual stimulation and direct-production treatment. In: **Journal of speech and hearing research**, 29:193-206.
- URIAGEREKA, J. (1992). **A focus position in western romance**. ms. University of Maryland.